



PEDAGOGIA DA VIRTUALIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Susana Copertari¹

Claudio Neves Lopes²

Resumo

A crise global da pandemia e o isolamento social alteraram o cotidiano de sujeitos, estados, instituições e culturas. A cultura digital entrou em ambientes educacionais com reivindicações quase universalistas, com sistemas educacionais e educadores relativamente preparados para enfrentá-la com qualidade social, justiça curricular e educacional. A educação em ambientes virtuais está ocorrendo atualmente em contextos abertos, flexíveis e onipresentes, graças ao uso de comunicação digital e dispositivos tecnológicos. Nessa pedagogia da emergência, a virtualização chegou para ficar, mas de maneira alguma se acredita que seja “em vez de” educação presencial, mas “além de”. São necessárias políticas públicas onde a possibilidade de implementar escolas e universidades mais inclusivas e de apoio, incluindo novos formatos e face a face com profissionais de ensino, mediadores significativos e essenciais de mudança que contribuem através de suas práticas e ações para desenvolver uma pedagogia da virtualização pensando em uma educação cada vez mais inclusiva, democrática e solidária a partir de um paradigma "affective e-Learning". Nesta perspectiva, propomos um diálogo simulado por meio de discussão, debatendo algumas visões, experiências, desafios e horizontes com especialistas, pesquisadores e acadêmicos para o futuro.

Palavras-chave: Pandêmica global. Virtualização da Educação. Cultura digital. Paradigma “affective e-Learning”. Inovações educacionais.

PEDAGOGÍA DE LA VIRTUALIZACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Resumen

La crisis pandémica mundial y el aislamiento social han alterado la vida cotidiana de los sujetos, estados, instituciones y culturas. La cultura digital ha irrumpido en los escenarios educativos con pretensiones casi universalistas, con sistemas educativos y educadores relativamente preparados para afrontarla con calidad social, justicia curricular y educativa. La educación en entornos virtuales se está desarrollando actualmente en contextos abiertos, flexibles y ubicuos, gracias al uso de la comunicación digital y los dispositivos tecnológicos. En esta pedagogía de la emergencia la virtualización ha llegado para quedarse, pero de ningún modo se cree que es “en vez de” la educación presencial, sino “además de”. Se necesitan políticas públicas donde se contemple la posibilidad de implementar escuelas y universidades más inclusivas y solidarias donde se incluyan nuevos formatos y presencialidades con profesionales de la enseñanza, mediadores significativos e imprescindibles del cambio que contribuyan mediante sus prácticas y acciones a desarrollar una pedagogía de la virtualización pensando en una educación cada vez más inclusiva, democrática y solidaria desde un paradigma “affective eLearning”. Desde esta perspectiva planteamos un diálogo simulado a

¹Informações ao final do artigo sobre a autora.

²Tradutor. Mestre em Educação e Doutorando em Educação pela Universidade Nacional de Rosário - Argentina.



modo de conversatorio poniendo en debate algunas miradas, experiencias, desafíos y horizontes con especialistas, investigadores y académicos de cara al porvenir.

Palabras-clave: Pandemia global. Virtualización de la Educación. Cultura digital. Paradigma “affective e-Learning”. Innovaciones educativas.

PEDAGOGY OF VIRTUALIZATION IN TIMES OF PANDEMIC

Abstract

The global pandemic crisis and social isolation have altered the daily lives of subjects, states, institutions, and cultures. Digital culture has broken into educational settings with almost universalist claims, with education systems and educators relatively prepared to face it with social quality, curricular and educational justice. Education in virtual environments is currently taking place in open, flexible, and ubiquitous contexts, thanks to the use of digital communication and technological devices. In this pedagogy of the emergency, virtualization is here to stay, but in no way is it believed that it is “instead of” face-to-face education, but “in addition to”. Public policies are needed where the possibility of implementing more inclusive and supportive schools and universities including new formats and face-to-face with teaching professionals, significant and essential mediators of change that contribute through their practices and actions to develop a pedagogy of virtualization thinking of an increasingly inclusive, democratic and supportive education from a paradigm “affective eLearning”. From this perspective, we propose a simulated dialogue by way of discussion, debating some views, experiences, challenges and horizons with specialists, researchers, and academics for the future.

KeyWords: Global pandemic. Virtualization of Education. Digital culture. Paradigm “Affective e-Learning”. Educational innovations.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em novembro de 2018, anunciou - diante da possibilidade de uma provável crise pandêmica global - a necessidade de colaboração internacional contínua, não apenas no caso de uma pandemia, mas em simulações e construção de defesas para tal evento, exigindo um esforço contínuo. As pessoas mudam, as diretrizes mudam, então os exercícios de simulação devem ser realizados constantemente para realmente garantir que o plano esteja atualizado e pronto para lidar com o inesperado (MORIN, 2004).

Essa realidade nos desafia e nesse sentido nos perguntamos: a educação está preparada para enfrentar uma crise pandêmica com uma pedagogia de emergência em ambientes virtuais? A educação precisa ser ressignificada?

Para desvendar essas questões, a ideia neste trabalho é apresentar uma conversa simulada entre especialistas, pesquisadores e acadêmicos a partir de um diálogo reflexivo sobre a virtualização da educação em tempos de COVID 19.

Reunimos opiniões, visões, perspectivas e horizontes - a partir de fontes primárias e secundárias - com o intuito de provocar um diálogo entre especialistas, onde problemas de Educação a Distância (EaD), tecnologias e virtualização se articulem e se interceptem em um contexto complexo atual; temas que temos vindo a desenvolver nos seminários de pós-graduação da Faculdade de Letras e Artes (FHyA) da Universidade Nacional de Rosário (UNR) e da Universidade Tecnológica Nacional (UTN-Regional Rosário) na Argentina.



De acordo com esse desafio, começamos por considerar as previsões do epidemiologista de Harvard (Marc Lipsitch) que apontou em 2019 que este ano, entre 40 e 70% da população mundial, estaria infectada com o coronavírus e a (OMS) anunciou que o mundo se preparará para uma "pandemia potencial" (JORNAL KATAKA, 27/02/2020). Diante dessa realidade, alguns questionamentos foram desencadeados, o que os governos fizeram com suas políticas públicas e suas governamentalidades - de que Foucault (2004) fala da biopolítica - para pensar em medidas antecipatórias? Como os sistemas de educação foram preparados para enfrentá-lo? Como inovar pedagogicamente em um contexto de crise global? Com quais instituições, recursos e educadores?

Nestes tempos, o grande horizonte que se apresenta no âmbito das inovações educacionais para Governos, Ministérios da Educação e Instituições é pensar na implementação de outros formatos e de forma presencial a fim de garantir o direito à educação.

As inovações educacionais implicam a implementação de uma mudança significativa no desenvolvimento das transformações e reformas educacionais que visam criar, recriar, desenhar, fortalecer, promover e transformar não só os processos de ensino e aprendizagem, mas também as estruturas fechadas das instituições, tempos e espaços acadêmicos, linguagens, teorias, metodologias, práticas e formação de professores em um contexto sócio-político, econômico, cultural e histórico desigual e exclusivo. (COPERTARI e CARLACHIANI, 2018, p. 3).

As inovações implicam não só em dotar as instituições de ensino de uma infraestrutura adequada à cultura digital, uma vez que não se faz da noite para o dia, mas também em proporcionar acessibilidade, conectividade, dispositivos multimídia e tecnológicos e equipamentos pedagógicos que possam enfrentar o futuro. Noutros contextos, - neste caso na virtualidade - sem gerar maiores desigualdades e exclusão (SKLIAR, 2007; SOUSA SANTOS, 2020).

Está tomada de decisão política exige uma consciência oportuna para a transformação dos processos de ensino e aprendizagem, a começar de um paradigma de e-learning afetivo³ que possibilite inovar com qualidade educacional, justiça social e curricular (CONNEL, 2006; TORRES SANTOMÉ, 2011), oferecer projetos curriculares mais abertos e flexíveis a partir de um vínculo afetivo e inclusivo que aproxima as distâncias (FREIRE, 2010). A qualidade educacional do ensino e aprendizagem requer (re)conceituar as formas de ensino e aprendizagem que contemplem características situadas e contextualizadas para dar respostas na complexidade desses ambientes educacionais (MORIN, 2002).

As inovações pedagógicas envolvem a desconstrução de formas tradicionais de aprendizagem a contar do reconhecimento de diferentes formas de ensinar e aprender que levam em conta o corpo, o movimento, as múltiplas linguagens, os sentidos e os saberes pedagógicos da experiência (OROZCO, 2014) com significado social.

Inovar práticas contando com uma rede colaborativa de educação mais plural e democratizante com atores socioeducativos que possibilitem desvendar alguns problemas como: Que conhecimento potencial advém da pandemia do coronavírus que pode ser

³La Formación Docente planteada desde este paradigma no bancario, crítico y reflexivo tiene como base la pedagogía popular latinoamericana (FREIRE, 1999, 2010, GADOTTI, 1998, 2006), con una mirada dialógica desde la complejidad (FREIRE, 1999; MORIN, 2000), un diseño curricular, pedagógico y didáctico modular e interdisciplinario (CULLEN, 1997; FOLLARI, 2007; COPERTARI, 2016; MORELLI y CARLACHIANI, 2017).



utilizado com fins pedagógicos? (COPERTARI, 2017 a). As democracias carecem de capacidade política para responder a esse tipo de emergência? (SOUSA SANTOS, 2020).

EDUCAÇÃO VIRTUAL E PEDAGOGIA DA VIRTUALIZAÇÃO EM UM CONTEXTO PANDÊMICO GLOBAL

Educación no es acceder a información, es construir conocimientos y esto significa (...) dar sentido a esas informaciones, contextualizar el conocimiento”, es transformar esa relación del modelo neoliberal que ha convertido al acto educativo en un servicio, en un negocio.
(GADOTTI, 2006)

Uma pandemia nada mais é do que uma epidemia em maior escala, muito mais disseminada. Portanto, uma doença que se espalha por mais tempo do que o esperado é considerado uma pandemia e não uma epidemia (JORNAL CLARÍN, 03-11-2020).

Segundo a UNESCO (2020), no início de março deste ano, o fechamento de escolas em 13 países, para impedir a expansão do coronavírus, interrompeu as aulas de 290,5 milhões de estudantes em todo o mundo, número inédito em um quadro global no qual 91,4% da população estudantil mundial (aproximadamente 1.500 milhões de crianças e jovens) foram afetados pelo fechamento de escolas e quarentenas (total ou parcial) em mais de 180 países.

O Escritório de Educação para a América Latina e o Caribe (OREALC/UNESCO) recomendou que os Estados envolvam os professores e suas organizações nas medidas emergenciais; melhorar as instalações hidrossanitárias em estabelecimentos de ensino para conter reinfecções; flexibilizar o calendário escolar para garantir o bem-estar e os processos de ensino e aprendizagem. Aconselhar comunicação eficaz; coordenação e cooperação; planejar o retorno às aulas; abordagens interdisciplinares (FOLLARI, 2007; Morelli, 2016); apoio às famílias, aos educadores e ao fortalecimento da sua formação para o trabalho a distância; TIC (com e sem internet) para o serviço de continuidade da aprendizagem; a entrega de conteúdos curriculares essenciais e equilibrados; e abordagens flexíveis e inovadoras para o calendário escolar.

O UNICEF defende a reforma das políticas para os governos “as implicações das políticas abordam todas as dimensões das diretrizes, incluindo o desenvolvimento de políticas claras para abrir e fechar escolas durante emergências de saúde pública e a promoção de reformas necessárias para expandir o acesso equitativo para crianças marginalizadas e fora da escola, bem como o fortalecimento e normalização das práticas de aprendizagem à distância” (20-04-2020).

As diretrizes da OMS, UNESCO e UNICEF diante da pandemia nos alertam e, ao mesmo tempo, nos enchem de incertezas para continuar encontrando algumas alternativas de resposta para: o que terá acontecido com a educação em cada um dos territórios, comunidades, instituições e sujeitos enfrentados nesta crise? O que se espera dos diferentes sistemas educacionais e educadores nesta chamada pedagogia emergencial? E como será a educação pós-pandemia?



HISTÓRIAS, NARRATIVAS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS COM AMBIENTES DIGITAIS: Uma conversa com especialistas

Propomos trazer como um gatilho para esta discussão, o extrato de um artigo publicado pelo Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores de Monterrey (ITESM) (México) do Observatório de Inovação Educacional sobre "Educação em tempos de pandemia: COVID-19 e equidade na aprendizagem". A ideia é refletir sobre a virtualização da educação, que é, sem dúvida, o debate que reúne educadores e agendas políticas.

Villafuerte, expressa (2020) "O coronavírus está mudando instantaneamente a forma como a educação é ministrada, uma vez que a escola e a casa passam a ser o mesmo lugar depois de realizadas as devidas regulações. Essas medidas acabam iluminando a realidade de as muitas outras funções que a escola oferece além da acadêmica" (...) "Em cidades onde 70% dos alunos vêm de famílias de baixa renda, levar escola para casa significa enfrentar não poder oferecer alimentação adequada, muito menos a tecnologia ou conectividade necessária para o aprendizado online." "Este é um enorme desafio de equidade educacional que pode ter consequências de mudança de vida para alunos vulneráveis" ... "Infelizmente, escolas que podem oferecer uma experiência acadêmica virtual completa, com alunos que possuem dispositivos eletrônicos, professores que sabem projetar aulas online funcionais e uma cultura baseada na aprendizagem tecnológica, não são muitas (...) "A maior mudança que a aprendizagem virtual exige é a flexibilidade e o reconhecimento de que a estrutura controlada de uma escola não é replicável online" (...) "Muitas questões surgem a partir dos problemas que tendem a afetar desigualmente os mais desfavorecidos" (...) "Essas dificuldades se replicam mundialmente, não só na educação básica, mas em milhares de universidades que tiveram que fechar suas salas de aula devido a esta crise de saúde." "A maior mudança que a aprendizagem virtual requer é a flexibilidade e o reconhecimento de que a estrutura controlada de uma escola não é replicável online." "Em questão de semanas, a maneira como os alunos aprendem mudou e precisamente essas transformações nos dão um vislumbre das lacunas de equidade que nosso sistema educacional continua apresentando, mesmo nos círculos mais privilegiados" (OTM, 19/03/2020).

Com essas propostas, surgem algumas recomendações e mais questionamentos: como preparar os professores para enfrentar esse desafio nos diferentes níveis de ensino?

PEDAGOGIA DE VIRTUALIZAÇÃO DE UM PARADIGMA AFETIVO DE E-LEARNING.

Parafraseando Sagol (2020), concordamos que o professor deve estar atualizado e saber, deve primeiro conhecer bem o seu material, estar atualizado e saber, se não sabe matemática, o melhor computador que tem não pode ensinar matemática. Com um conhecimento atualizado da sua disciplina, pode colocar as TIC ao serviço das suas aulas e melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos. É muito claro que o acesso às tecnologias é um direito, neste caso, à educação. É impossível converter uma casa em escola, mas na medida do possível e no contexto de emergência sanitária e educacional, deve-se tentar cortar



um espaço, um lugar, um tempo para fazer as coisas da escola para casa (Entrevista, 04-10-2020).

O autor supracitado marca com esta reflexão um dos problemas centrais que o isolamento social nos coloca na ordem do dia. Deste local, acreditamos que não houve formação continuada de professores na modalidade a distância e virtual de forma sistemática nas últimas décadas para que uma pedagogia da virtualização ocorresse, nem políticas públicas de Estados, Governos e Ministérios da Educação com um planejamento estratégico de suas agendas de governo nesse sentido, por isso acreditamos que está se tornando tão complexo entrar na cultura digital e nas mudanças tecnológicas do final do século passado (DE ALBA, 2007; COPERTARI, 2020a).

É preciso implementar uma política peremptória de "Formação de Professores em Inovações Educacionais e Pedagógicas" pelos estados para tender a recuperar os materiais e documentos trabalhados nas aulas presenciais e ressignificá-los para a virtualidade. O desafio consiste em aproximar a distância, dar corporalidade aos vínculos entre alunos e professores a partir de um paradigma inclusivo e afetivo; Projetos curriculares interdisciplinares (NIC)⁴ e avaliações baseadas em projetos sociocomunitários transformadores.

Maggio (2020) afirma que na virtualidade o que nós professores devemos fazer é trazer o corpo, não em termos de realidade aumentada, mas para que o humano também esteja na tecnologia. Trabalhar na virtualidade com nossas emoções, nossas inquietações, como se estivéssemos na escola; Se na sala de aula nos conectamos intensamente com o que está acontecendo, se dialogamos, se ficamos irritados, se nos empolgamos tanto no ambiente virtual como pessoalmente, se compartilhamos também um tom de voz, um olhar, uma emoção, mas em outro meio de comunicação como podemos fazer? O desafio é que as plataformas e suas infinitas possibilidades não nos desumanizam; vivenciar a didática ao vivo e repensar o ensino.

Há uma trama que tem a ver com articular e construir acordos entre políticas, instituições, professores, famílias e, claro, alunos. Em ambientes digitais, devemos gerar novos frames onde possamos ser sensatos e ter bom senso: se um menino passava oito horas na escola, com atividades que se alternavam, entre os recreios e os amigos, não podemos esperar que ele esteja lá nessas mesmas horas sentado atrás de um computador porque não seria formativo. Dependendo do acesso, e essa é outra grande questão nessa sociedade desigual, podem-se pensar em propostas maravilhosas que, entre outras coisas, envolvam redimensionar os tempos de atividades e trabalhar de forma colaborativa (Entrevista 23-03-2020).

A autora sustenta que as características da didática clássica são hegemônicas, a explicação das questões está no centro, e o professor monopoliza a relação ao repetir uma teoria que já está nos livros. Com essa atitude reprodutiva corremos o risco de fazer upload de PDFs e acreditar que só com essa atitude já estamos inovando.

⁴ Núcleos Interdisciplinarios de Contenidos en Santa Fe (Argentina). Estamos ante el desafío de crear modos alternativos de educar que contemplan la diversidad de saberes, esto es, no sólo los saberes de la ciencia, sino además saberes de las experiencias, de las culturas y comunidades, de las distintas generaciones, de las instituciones, etc.; donde los relatos tengan criterios equivalentes de legitimidad. A partir de la categoría de acontecimiento se construyen los NIC curricularmente. El acontecimiento muestra lo que una época tiene de intolerable, pero también hace emerger nuevas posibilidades de vida. https://plataformaeducativa.santafe.gov.ar/moodle/pluginfile.php/327633/mod_resource/content/1/NIC%201.pdf.



O ditado dos sujeitos segue uma sequência linear progressiva: primeiro eu dou isso, depois esse outro e depois avalio, geralmente apelando para processos cognitivos super básicos, como fazer uma parcial para verificar se o aluno realmente entendeu. Para uma geração que não aprende nada linearmente, que faz sete coisas ao mesmo tempo, que sabe pesquisar por conta própria, que quando quer aprender algo assiste a tutoriais e quando quer ensinar algo produz tutoriais, então dizemos: o modelo range porque o que eles querem, eles aprendem, eles aprendem sozinhos (pp. 3-4).

Na província de Santa Fé (Argentina), durante os anos de 2015 a 2019, foi implementado um plano de inclusão socioeducativa para jovens e adultos (a partir dos 18 anos, sem limite de idade) que por múltiplos motivos não puderam ingressar, permanecer, aprender e concluir o Ensino Médio, interrompendo seus caminhos escolares. (TERIGI, 2007; TIRAMONTI, 2017). A linha Plano I - Volta a Estudar - Virtual, hoje, está alojado na EEMPA 1330 virtual "Rosa Ziperovich" e funciona em plataforma educacional (plataforma Moodle) com 89% de virtualidade e 11% presencial em 57 centros de conectividade e presença.

Com a pandemia e o isolamento social, desenvolve-se de forma síncrona e assíncrona totalmente em virtualidade mediada por tecnologias, em salas de chat, fóruns, videoconferências, aulas de consulta virtual, entrevistas, questionários eletrônicos, acesso a material curricular e multimídia artesanal, desenvolvimento de atividades e avaliações parciais e finais, encontro com referentes, tutores, coordenadores, gestores, através da plataforma pedagógica do Ministério da Educação provincial de Santa Fé. Esta escola mostra-se preparada para enfrentar de forma planejada e organizada suas aulas com 5000 alunos, (mais de 1000 licenciados), 100 salas de aula virtuais, 350 professores tutores formados no paradigma "e-Learning afectivo" (ORTEGA CARRILLO, 2014, 2015).

Partindo-se do estudo de eixos problematizadores, utilizam a interdisciplina com a metodologia de projetos de ação sociocomunitária. Os alunos com seus professores tutores colocam em jogo os saberes pedagógicos da experiência que já trazem consigo (OROZCO, 2014) e os praticam em um diálogo interdisciplinar por meio das contribuições das diferentes disciplinas que compõem o currículo ao eixo problemático, vão em busca de conteúdos conceituais - utilizando diferentes estratégias, metodologias, técnicas e recursos - para a apropriação do conhecimento socialmente mais significativo para criar novos conhecimentos e traduzi-los em seus projetos.

Os projetos qualitativo-quantitativos servem ao mesmo tempo como instrumentos de avaliação e são socializados em cada comunidade; os alunos explicam os projetos, os conteúdos curriculares interdisciplinares utilizados para a sua elaboração e resolução e são avaliados pelos professores tutores nas instâncias presenciais que representam um dos (11%) estudados em tempos normais. Hoje essas instâncias de encontro presencial (cerca de 1 por mês para cada módulo didático interdisciplinar) não estão sendo desenvolvidas devido ao isolamento social e são realizadas por Zoom, Meetings, Skype, videochamadas do WhatsApp, sala de chat na plataforma educacional. A diretora da Escola Virtual Yanina Fantasía (2020) disse ao jornal "Aire Digital":

(...) Muitas vezes os professores preparam-se para "trabalhar pessoalmente", apesar de hoje existem experiências virtuais, para as quais considerou esta situação particular como uma possibilidade que obriga as comunidades educativas e os seus atores a "pensarem no ensino de outra maneira". "Não podemos transpô-la a atividade da sala de aula da escola



para a virtualidade”, insistiu, acrescentando que na distância entram em jogo fatores tecnológicos, atitudinais, emocionais e temporais (Entrevista, 05-04-2020).

Refira-se a que esta instituição de ensino de nível secundário com opção mista e no âmbito da EaD tem sido multipremiada e valorizada por diferentes organismos, organizações, fundações e universidades nacionais e internacionais⁵. Quando falamos em democratização da educação, podemos dizer que essa perspectiva se reflete nessa Escola, os planos de estudos são aprovados (com aprovação plena) pelo Conselho Federal de Educação e pela Secretaria de Educação a Distância (EaD) do Ministério da Educação e Esportes da Nação. Foram homologados durante a gestão da Ministra da Educação, Dra. Claudia Balague nas suas três carreiras: Bacharel em Agricultura e Meio Ambiente, Bacharel em Economia e Administração e Bacharel em Educação Física (2015, 2017, 2019) e têm validade nacional. Já foram as duas primeiras corridas validadas por mais quatro anos em 2019.

O desenho curricular é inédito e inovador, integrado em cada curso por 12 módulos didáticos interdisciplinares, elaborados pelos próprios tutores, ao mesmo tempo conteudistas (GERLERO, COPERTARI, FANTASY, DALLA VALLE, 2017). Embora os planos de estudos tenham um currículo prescrito, os problemas abrem um gama de possibilidades educacionais que são recriadas com a contribuição que os alunos dão a partir do conhecimento pedagógico da experiência e dos professores - dos conteúdos disciplinares e curriculares - colocados em diálogo com disponibilidade interdisciplinar (CULLEN, 1997; FOLLARI, 2007). À mão, criam e recriam atividades, materiais multimídia, tarefas, avaliações a partir de um critério de justiça curricular, para dar lugar ao surgimento de novos conhecimentos e aprendizagem colaborativa (COPERTARI, 2016).

É interessante nesta experiência observar durante o processo de ensino e aprendizagem que os alunos expressam aquilo podem transformar a realidade e ao mesmo tempo que se sentem transformados como sujeitos e como tutores, que os alunos aprenderam de forma socialmente significativa na avaliação. Observe que eles foram capazes de transferir conhecimento para outras situações problemáticas (SKLIAR, 2007, TERIGI, 2007; TIRAMONTI, 2017).

Diante da questão de como conceber o ensino e de como gerar propostas atraentes em espaços virtuais, Maggio (2020) diz:

Durante anos, a educação funcionou dentro e fora da sala de aula; na escola, mas também nas redes sociais, nas séries e nos jogos online. Lá estão os meninos. Na virtualidade, o que nós professores devemos fazer é trazer o corpo. Não em termos de realidade aumentada, mas em termos de tecnologia sendo humana também. Nesse contexto de isolamento pelo coronavírus, os professores também têm que trabalhar com nossas emoções, nossas inquietações. Como se estivéssemos na escola; se na sala de aula nos conectamos intensamente com o que está acontecendo, se dialogamos, ficamos com raiva, ficamos excitados, na virtualidade que tem

⁵UNESCO, UNICEF, OEA, OEI, Fundación Novella de Guatemala, Fundación Voz de Argentina, CIPPEC, REDUCA 2050, VIRTUAL EDUCA, FLACSO, UBA, UNR, UNL, UNLP, UNC, UNJU, USPT, Universidad de Granada- España; Universidad de Barcelona- España; Universidad de Montevideo - Uruguay, Universidad de Lisboa- Portugal, Univ. Autónoma de Chile- Chile; Ministerios de Educación Nacional, de Uruguay, Perú, Chile, Brasil, Colombia, Guatemala, Finlândia, Panamá), entre otros, con quiénes se realizaron misiones de intercambio, conversatorios, publicaciones de libros, revistas, artículos científicos y académicos, investigaciones, ponencias, seminarios, webinar, etc .



que estar lá também: meu tom de voz, meu olhar. O desafio é que as plataformas e suas infinitas possibilidades não nos desumanizam (pp, 1-2).

Coadunamos com Litwin (2008), quando se refere à profissão de docente, que podemos integrar conhecimentos e experiências com o que também acontece fora da escola. Para fazer isso, você deve escolher temas que tornem isso possível para o dia a dia. Um bom tema pode permitir uma grande cobertura curricular, além de dar sentido ao processo de conhecer ao integrar quatro tipos de conhecimento: pessoal (relacionado a interesses e experiências anteriores), social (problemas de comunidades locais, regionais e mundiais), explicativo (conceitos envolvidos nas disciplinas, saberes populares, bom senso) e técnico (formas de abordar o saber e comunicar os resultados do ato de saber). Projetos desse tipo são complexos, trabalhosos, mas altamente estimulantes para ambos, pois recuperam o interesse pelo ensino e pela aprendizagem. Exigir um currículo que considere os interesses de todos, incluindo todos da escola além do meio ambiente, seja presencial, virtual, misto e remoto, o que a justiça educacional implica neste lugar?

A justiça educacional que propomos assenta numa dupla concepção: por um lado, a melhoria da justiça educacional requer considerar tanto a sua dimensão em termos de redistribuição, assim como, por outro, o seu reconhecimento. Ao contrário do modelo compensatório que foca fundamentalmente na reparação das desigualdades materiais, esta concepção de justiça reivindica a necessidade de integrar a redistribuição com o reconhecimento da diversidade de contextos e culturas (CONNELL, 2006; TORRES SANTOMÉ, 2011; RIVAS, 2017). A justiça educacional implica também uma ação metodológica baseada nos eixos e nas perspectivas integrantes e dialógicas entre pedagogia, tecnologia e conteúdo (RIVAS, 2017).

Incorporar uma pedagogia da virtualização envolve diferentes dimensões a considerar: ao planejar uma aula, uma atividade, uma tarefa; ao aplicar uma estratégia; ao selecionar um dispositivo tecnológico ou material curricular em qualquer nível de ensino, a saber:

1. Filosófico-epistemológico: diferentes formas de conhecer e de apropriação do conhecimento.
2. Ontológico: um sujeito real e virtual.
3. Gnoseológico: novos espaços de poder concebidos pela cultura e pelo conhecimento.
4. Subjetivo: cada sujeito encontra a si mesmo e aos outros.
5. Político-pedagógico: são criados espaços de troca.
6. Ética e estética: envolve design para repensar a realidade e a prática.
7. Tecnológico: comunidade para realização de cursos, onde os sujeitos interagem de forma diferenciada.
8. Etimologicamente: virtual (latim *virtualis*) deriva de *virtus* (energia, virtude), por isso, o virtual tende a ser permanentemente atualizado.
9. Segundo Lévy, do ponto de vista filosófico-epistemológico, o virtual não é contrário ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são duas essências distintas.
10. A virtualidade no trabalho educativo refere-se a uma dinâmica de constante transformação que ocorre em um contexto socioeducativo (COPERTARI, SGRECCIA e SEGURA, 2011, pp. 3 e 4).

As TICs oferecem recursos valiosos para a educação e uma variedade de informações e fontes de conhecimento que permitem combinar textos, sons, imagens, cores, simulação de comportamento, animação, aprendizagem remota, ubíqua, colaborativa, online, em tempo real, diferido, síncrono e assíncrono.



Hoje, a flexibilidade que a educação a distância oferece por meio de ambientes virtuais ou combinados é uma realidade imperativa. É uma etapa de mudança marcada pela geração de grandes volumes de informação e conhecimento, a par de uma exibição de oportunidades nunca antes vividas ou imaginadas, que têm vindo a distanciar não só no campo educacional, mas em geral. A possibilidade de estudar de forma contínua e permanente é um fato, sem distâncias ou tempos que foram encurtados pela virtualização, inaugurando uma nova forma de articular as necessidades de formação. Somente a partir de uma perspectiva inclusiva, as universidades poderão fazer frente às atuais demandas sociais, que permitem garantir uma educação de qualidade e reduzir o hiato socioeconômico que impede muitos setores de acessar o Ensino Superior (COPERTARI, 2010, p. 350).

A tecnologia educacional vai de giz e borracha a novas tecnologias de informação e comunicação espetaculares. (LITWIN, 1995; SPIEGEL, 2006; COPERTARI, 2016). Para Spiegel (2006), o professor deve ser um protagonista e um compositor. Ele deve saber usar e selecionar o material didático como o músico ao compor uma partitura, combinando notas, sons, melodias, harmonias; indica como funções dos recursos didáticos “traduzir um conteúdo ou slogan para diferentes idiomas; fornecer informações organizadas e facilitar práticas e exercícios” (p. 34-35).

Em suma, implica saber montar múltiplos repertórios propostos (MAGGIO, 2020) de diferentes linguagens. Diante da pergunta: Ferramentas ou recursos didáticos? Spiegel (2006) responde:

Ferramentas sim, como as de qualquer profissional. Independentemente do que digam os fabricantes ou autores dos diversos materiais e dispositivos, eles se tornam recursos didáticos quando um professor reconhece que eles fornecem soluções para os problemas de sua classe ou servem para expandir ou abrir novos horizontes para seus alunos. Enquanto isso não acontecer, o rótulo “recurso didático” é apenas isso: um rótulo, por mais sofisticado que pareça. Em outras palavras, um recurso didático é uma construção particular e subjetiva do professor, por meio da qual um material ou estratégia se torna uma ferramenta para seu trabalho. Deste lugar, pode de facto acontecer que o que os dispositivos digitais a que temos acesso oferecem não resolvam necessariamente as nossas necessidades e, portanto, não sejam as ferramentas de que necessitamos”. (...) “Sim, navegando nós próprios na internet ou recorrendo a sites ou redes sociais bem conhecidos para procurar recomendações ou mesmo - por que não? consignando nossos alunos para trazer informações ou aplicações que atendam às características que procuramos. Uma vez que tenhamos diante de nós - "na tela" - o material em questão, o analisamos com o filtro mais grosso: aquele que será construído por critérios análogos aos que aplicamos para escolher um livro, um mapa, um filme ou um tema musical para nossas aulas. Esses critérios relacionavam-se, por exemplo, com a correção, relevância ou inovação do conteúdo conceitual, procedimental ou atitudinal do material. E logo? Distinguidas as opções aceitáveis, aquelas que poderíamos incorporar em nossos planos, com a convicção de que contribuiriam para o aprimoramento de nossa tarefa, haveria mais algumas considerações no processo de seleção de ferramentas digitais - e, de fato, o faremos nos



próximos notas-; mas também é verdade que, se o material não passa por essa primeira análise, não faz sentido continuar considerando-o. E também é verdade que o que conseguimos até agora não é menos: identificamos as nossas necessidades e oportunidades de melhoria e pudemos aplicar os nossos conhecimentos “não informatizados” – disciplinares e pedagógicos– para fazer uma primeira análise dos materiais em formato digital. E isso é, por si só, um grande passo (p.n.s).

Na maioria dos sistemas latino-americanos (EaD), a Educação B-Learning tem sido escolhida nos últimos anos, (é uma educação semipresencial, mista ou híbrida) a diferença do modelo de e-Learning, onde o processo educacional é desenvolvido completamente por meio da virtualidade. Os sistemas de Blended-Learning são os mais utilizados em escolas e universidades, talvez os mais indicados para serem implementados na educação, pois produzem mudanças nas formas de trabalho e comunicação, proporcionando ao professor a planejar e a desenvolver processos alternativos (on-line ou off-line) de tempo e tarefas que ocorrem na sala de aula física ou virtual.

Segundo Mena (2005), as TICs têm tido forte impacto na (EaD) e permitem superar certas limitações de interação e interatividade com seus alunos. Em nossa região, porém, todo o sistema educacional ainda não se difundiu e as três gerações tecnológicas coexistem (geração de impressos: textos e manuais por correspondência; geração analógica: envio de vídeos, programas de rádio e televisão; e geração digital: videoconferências e redes).

Quando se trata da inclusão das TIC na escola, pensa-se principalmente nos meninos, mas os professores devem ser levados em consideração (...). Para os professores, as TIC permitem o acesso a redes de conhecimento, a abrir fóruns de recursos na Internet onde os próprios professores fazem o upload de seus materiais e recursos e contam como estão ensinando, e acho que essa é outra das questões a destacar na inclusão da tecnologia, tanto a nível de alunos como de professores. Deve haver uma mudança do modelo de apenas consumir conhecimento para produzi-lo; e também deve haver uma mudança em direção a um modelo onde recursos, conteúdo e conhecimento são compartilhados, e nesse compartilhamento é onde posso usar as TIC como um aliado no processo de mudança, sabendo como isso é feito em outras partes, como meu conhecimento pode servir a outro.

Refiro-me à democratização do conhecimento e à geração de comunidades de prática” (...) “Qual o papel do Estado neste momento? “E neste processo o Estado tem um papel fundamental ao nível da política. Por outras palavras, sublinha-se também o papel do Estado no sentido de um modelo onde possa ser garante da qualidade dos conteúdos, garante da qualidade dos recursos que circulam ... e de uma formação docente que acompanha tudo isso; porque o que os professores muitas vezes percebem é que eles não têm a bagagem de ferramentas (e não me refiro apenas à informática) para poder realizar a integração das TIC para uso pedagógico (Entrevista: LUGO, 03-05-2011).

Esta modalidade educacional responde a normas, critérios, princípios e objetivos que orientam os processos inovadores, desde que estejam no contexto da prática, com comunidades educativas que promovem um trabalho coordenado, institucionalizado, monitorizado e avaliado com qualidade educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



*Si estas enseñando hoy
lo que estabas enseñando hace cinco años,
ese campo está muerto o lo estás tú.*

Noam Chomsky

Depois desta conversa enriquecedora entre especialistas, sentimos que neste trabalho e contexto os gestores, os professores, os ministérios educacionais e as universidades poderão encontrar algumas contribuições interessantes. Infelizmente, advertimos que muitos governantes, ministérios da educação e instituições não estão à altura da situação. Ao contrário, as universidades, que vêm realizando práticas mais contínuas de aulas, realização de exames, defesa de teses de graduação e pós-graduação em virtualidade. Podemos citar como exemplo o enorme trabalho que a Universidade Nacional de Rosário/Argentina (UNR-AR) vem desenvolvendo através de seu campus virtual e dos campi das 12 faculdades para a realização desse processo. As sábias decisões políticas do Reitor Licenciado Franco Bartolacci e da diretora do Campus Virtual Dra. Griselda Guarnieri (CONICET / UNR) contribuíram para essa conquista com um trabalho sustentado de articulação com as comunidades educativas.

O campus virtual teve início em 2001, desenvolve atividades na modalidade educacional mediada por Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) por meio da Internet. Como resultado de um processo contínuo de investigação e desenvolvimento na área, a Secretaria de Tecnologias e Gestão Educacional implementou a plataforma Moodle desde 2008 com o objetivo de continuar a aderir ao movimento “open source”; compatibilizar a nível nacional e internacional um número relevante de universidades; e organizações que o utilizam e incorporar uma maior variedade de ferramentas interativas-colaborativas, de comunicação, gestão e monitoramento de processos.

Da mesma forma, destaca-se o compromisso social que outras universidades como a Universidade Tecnológica Nacional/Argentina (UTN-AR) continuem com suas aulas na plataforma educacional de seu campus virtual contra o coronavírus. Na última década, houve avanços significativos em termos de experiências em EaD com políticas que favorecem a modalidade nas instituições de nível superior, mas não em outros níveis do sistema educacional (COPERTARI e MORELLI, 2013).

Gadotti (1998) vê a aprendizagem como um ato libertador porque a educação é um direito humano onde não se trata apenas de acessar a escola, mas também de sentir a relevância que a escola responda aos interesses das pessoas (seus sonhos, suas utopias e seus desejos); uma perspectiva que não é o objetivo fundamental do modelo neoliberal porque requer uma construção coletiva e mais solidária. “A pergunta, a indagação, o diálogo, o debate e a discussão organizada constituem a base do hábito de pensar” (p. 2).

Segundo Morin (2002), a educação deve ser concebida como um instrumento de libertação de um sujeito e dos povos para o qual deve haver um saber que critique o saber, ou seja, devemos refletir e repensar o que há muito tempo temos como saber, a verdade.

A pandemia nos levou a repensar as práticas de ensino nesta discussão; no entanto, não podemos generalizar a virtualização como um tipo de educação para todos os níveis igualmente a fim de sustentar a continuidade pedagógica nos níveis iniciais, primário, secundário e superior (universitário e não-universitário) das aulas. A ideia era encontrar algumas propostas alternativas para as seguintes questões: Como desenhar um currículo mais flexível e uma aula de virtualidade? O que deve ser considerado? Como planejar as atividades? Como selecionar o material? Que estratégias colocar em prática? Como motivar os alunos? Como aplicar os dispositivos tecnológicos, quais são os mais relevantes em cada caso? Com



quais critérios e instrumentos avaliar? Como planejar tempos e espaços? Entrega de atividades, tarefas e tempos de correção e devolução?

Depois dessa trama dialógica e com a opinião dos diversos especialistas, concordamos que a virtualidade da educação não foi pensada para acontecer antes da emergência; é uma modalidade educacional que necessita ser construída, produzida e gerada conhecimentos que possam ser desenvolvidos em ambiente virtual de forma compreensível e clara, com instruções de trabalho precisas e materiais didáticos relevantes.

A virtualidade tem suas próprias lógicas, teorias, metodologias, códigos; uma formalidade na escrita, na forma de estabelecer vínculos, encurtar distâncias com os alunos que o tornam muito particular e a necessidade de saber trabalhar nisso; nem todo professor é treinado para interagir em um ambiente digital com pensamento algorítmico quando este foi formado a partir de um paradigma linear.

Construir e produzir conhecimentos, materiais multimídia e motivar os alunos - é seguramente muito complexo na sua fase inicial e preparatória – exige-se muito mais tempo do que pessoalmente, mas permite maior flexibilidade quando as tecnologias são transparentes com sentido pedagógico. Não se pode improvisar ou experimentar sem conhecer suas características vitais, o mesmo acontece na presença, pois é preciso ter a função de ensinar conforme enunciado (LITWIN, 2008) para motivar os alunos a aprender com significância.

Acreditamos que a maior dificuldade atualmente reside nesse problema, somada à falta de políticas do Estado que incentivem a formação de professores para desenvolver uma pedagogia da virtualização. Cullen (1997) afirma que: “estamos vivendo um estágio de transformações na educação. Novas e velhas razões são levantadas para educar (...) educar não é uma essência ou uma ideia arquetípica. É uma história de práticas sociais complexas” (p.17). “A educação é um discurso ou, mais bem expresso, uma prática social discursiva. Ou seja, nas razões de educar há conflito de interpretações, luta pela hegemonia, imposições ideológicas, construção de subjetividade e realidade social” (CULLEN, 1997, p. 20).

Trabalhar na virtualidade mediada por tecnologias digitais remete-nos à mesma ideia de vantagem diferencial de um recurso didático de que falava Spiegel (2013), implica a convicção da inexistência de resoluções mágicas e únicas para cada situação didática, ou a implementação de materiais que sempre "funcionam" mesmo que venham em "embalagens" tecnológicas, sem avaliar o significado diferencial que sua utilização proporciona (LITWIN, 2008; MAGGIO, 2012).

Essa é uma perspectiva que estamos propondo aos professores uma valorização de seus saberes com reivindicação ao direito à formação gratuita e em serviço e à escolha de seus dispositivos de trabalho. O contexto atual produz grandes frustrações por um lado e, por outro, após duas décadas do século XXI para muitos dos geradores de agendas políticas suas cabeças ainda estão repletas de dogmatismos tradicionalistas.

A proposta deste trabalho foi nos colocarmos no tecido desse debate em função da crise pandêmica global, trazendo à discussão algumas formas de nos questionarmos sobre a educação e construirmos algumas formas de pensar seus motivos atuais. Enquanto a escola e a universidade continuarem a ser pensadas como "templos do conhecimento", como áreas distantes da cultura onde estão imersas, seu significado social ficará defasado e com a perda da ressignificação social para essas instituições. Acreditamos que tenha mais a ver com uma crise do público e do público como critério de legitimação social da circulação do conhecimento, por isso nos propusemos a pensar com os outros sobre como enfrentar a crise quando parece que alguns estão mais preocupados com a “destruição do templo”.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONNELL, Raewyn. *Escuela y justicia social (tercera edición)*. Madrid: Ediciones Morata, 2006.
- COPERTARI, Susana. *La práctica docente universitaria en educación a distancia*. Procesos Metacognitivos y Buena Enseñanza. Rosario. Laborde editor y UNR, 2010.
- COPERTARI, Susana. SGRECCIA, Natalia. SEGURA, María Laura. *Políticas universitarias, Gestión y Formación Docente en Educación a Distancia. Hacia una Pedagogía de la virtualización*. Rosario: Laborde editor y UNR, 2011. En: RED - Revista de Educación a Distancia, n.º: 27. En: <http://www.um.es/ead/red/27>. Recuperada el 10 de abril de 2020.
- COPERTARI, Susana. *Desde qué lugar entendemos la interdisciplinariedad en el Diseño del Plan Vuelvo Virtual*. Documento de Circulación Interna. Plan Vuelvo a Estudiar – Vuelvo Virtual, 2016.
- COPERTARI, Susana, GERLERO, Carina. FANTASÍA, Yanina. *Formación de Docentes Tutores Afectivos e inclusivos con TIC, en el marco del Plan Vuelvo a Estudiar Virtual. Nuevos formatos*. En: III Jornadas Nacionales de y V Jornadas de UNC, Experiencias e Investigación en Educación a Distancia y Tecnología Educativa. *Virtualización de la Educación Superior*. Ponencia. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2017.
- COPERTARI, Susana. CARLACHIANI, Camila. *Proyecto de Innovaciones Pedagógicas para trabajar con 50 escuelas innovadoras en la provincia de Santa Fe*. Secretaría de Planificación y Articulación Educativa. Ministerio de Educación de la provincia de Santa Fe, Santa Fe: 2018.
- COPERTARI, Susana. *Visualización de la educación en los tiempos de pandemia*. Entrevista: Nota de Opinión. En: Diario elciudadanoweb.com. Recuperada, 05 de mayo de 2020. Rosario: 05-de mayo de 2020. (b).
- CULLEN, Carlos. *Crítica de las razones de educar: temas de filosofía de la educación*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- COPERTARI, Susana. *Virtualización de la Educación en tiempos de pandemia*. Entrevista En: ABC Radio Universidad, <https://radio.unr.edu.ar/nota/6023/virtualizacion-de-la-educacion-en-tiempos-de-pandemia>. Rosario: (05-05-2020 a). Recuperada, 05 de mayo de 2020.
- DE ALBA, Alicia. *Curriculum – sociedad*. El peso de la incertidumbre, la fuerza de la imaginación. Méjico: Plaza y Valdés. IISUE-UNAM. 2007.
- DIARIO AIRE DIGITAL. *La escuela virtual santafesina que sigue dando clases pese al coronavirus y pone a disposición sus contenidos digitales*. En: <https://www.airedesantafe.com.ar/santa-fe/la-escuela-virtual-santafesina-que-sigue-dando-clases-pese-al-coronavirus-y-pone-disposicion-sus-contenidos-digitales-n151023>. Santa Fe, (05 de abril de 2020). Recuperada el 20 de abril de 2020.
- DIARIO KATAKA. *El epidemiólogo de Harvard que predice que este año entre el 40 y el 70% de la población mundial se infectará con el coronavirus*. 27 de abril de 2020. En: <https://www.xataka.com/medicina-y-salud/epidemiologo-harvard-que-predice-que-este-año-40-70-poblacion-mundial-se-infectaran-coronavirus>. Recuperada, 27 de abril de 2020.
- DIARIO EL LIBERAL. *Ante el aislamiento obligatorio “queda claro que el acceso a la tecnología es un derecho a la educación”*. Entrevista a SAGOL CECILIA En: <https://www.elliberal.com.ar/noticia/527720/coronavirus-pais-numero-muertos-ascendio-10> de Abril de 2020.



220?utm_campaign=ScrollInfinitoDesktop&utm_medium=scroll&utm_source=nota
Recuperada, 20 de abril de 2020.

DIARIO CLARIN. *Preocupación global Coronavirus: cuál es la diferencia entre pandemia y epidemia*. Bs. As. En: Sociedad, https://www.clarin.com/sociedad/coronavirus-diferencia-pandemia-epidemia_0_PABaAlb_.html. Buenos Aires: 11 de marzo de 2020. Recuperada el 15 de abril de 2020.

FOLLARI, Roberto. *La interdisciplina en la docencia*. En Polis: Revista Latinoamericana, Buenos Aires, 2007.

FREIRE, Paulo. *Cartas a quien pretende enseñar*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, segunda edición, tercera reimpresión, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Nacimiento de la biopolítica*. Buenos Aires, FCE, 2007.

GADOTTI, Moacir. *Historia de las ideas pedagógicas*. Siglo XXI, México, 1998.

GADOTTI, Moacir. *Dialoguicidad, hermenéutica y educación*. In Fórum Paulo Freire. V Encuentro Internacional Sendas de Freire: opresiones, resistencias y emancipaciones en un nuevo paradigma de vida. 12 al 15 de septiembre de 2006. Instituto Paulo Freire de España, Universidad de Valencia y CREC (Centro de Recursos y Educación Continua de la Diputación de Valencia), 2006, pp. 213-234.

GERLERO, Carina. COPERTARI, Susana. FANTASÍA, Yanina. DALLA VALLE, Ana Clara. *Diseño de materiales digitales e interdisciplinarios en el Plan Vuelvo a Estudiar Virtual en Santa Fe*. En: IV Jornadas de TIC e Innovación en el Aula. Ponencia. Eje 2- *Dimensiones de comunicación y diseño para la virtualidad*. Universidad Nacional de La Plata. Publicado: Dirección de Educación a Distancia, Innovación en el aula y TIC (EAD). ISBN: 978-950-34-1591-7. (En Línea), La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2017. Recuperada, 17 de marzo de 2020 y del sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/65564. Recuperado, 19 de diciembre de 2019.

HERNANDEZ SANCHEZ, Alba María. ORTEGA CARILLO, José Antonio. *El Análisis De Contenido De Descripciones Autobiográficas Como Estrategia De Mejora De Un Programa De Aprendizaje De La Lengua De Signos Española*. En Un Campus Virtual Inclusivo Y Accesible?. España: Universidad de Granada, 2016. En: www.quadernsdigitals.net/datos_web/hemeroteca/r_77/nr_844/a_11336/11336.pdf, Recuperado, 10 de marzo de 2020.

LITWIN, Edith. *Tecnología Educativa. Política, historias, propuestas*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

LITWIN, Edith. *El oficio de enseñar*. Condiciones y Contextos. Buenos Aires: Paidós, 2008.

LUGO, María Teresa. *Una escuela innovadora no sólo transmite información, sino que gestiona democráticamente el conocimiento*. En: <https://hiperlecturas.blogspot.com/2011/03/maria-teresa-lugo-una-escuela.html>. Buenos Aires: 05 de marzo de 2011. Recuperada el 20 de abril de 2020.

MAGGIO, Mariana. *Enriquecer la enseñanza. Los ambientes de alta disposición tecnológica*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

MAGGIO, Mariana. *Enseñar en Tiempos de Pandemia*. Departamento de Educación a Distancia. 2º Webinar - Educación y creatividad en tiempos de #coronavirus. En:



<https://www.youtube.com/watch?v=lvy5QZ5Qk04>. Buenos Aires, 5 de marzo de 2020. Recuperada el 10 de marzo de 2020.

MAGGIO, Mariana. *Clases virtuales: el desafío es que las plataformas no nos deshumanicen*. Entrevista por Lidia Molina En: Redacción <https://www.redaccion.com.ar/clases-virtuales-el-desafio-es-que-las-plataformas-no-nos-deshumanicen/> Buenos Aires, 23 de marzo del 2020. Recuperada, 28 de marzo de 2020.

MENA, Marta. *Educación presencial vs. Educación a distancia. Hacia el Blended Learning*. Buenos Aires, 2005. En: <https://noticias.universia.com.ar/en-portada/noticia/2005/10/28/371239/educacion-presencial-vs-educacion-distancia-blended-learning.html>. Recuperada, 20 abril 2020.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN DE LA PROVINCIA DE SANTA FE. *Subportal Educación*. Premio REDUCA 2050, Guatemala, 2016. www.santafe.gov.ar. Recuperada, 05 de marzo 2020.

MORELLI, Silvia. *La distancia en la educación universitaria*. En: COPERTARI, Susana y MORELLI, Silvia (Comp.) *Experiencias universitarias de enseñanzas a distancia*. Praxis, visiones y horizontes. Rosario: Laborde Editor, 2013.

MORELLI, Silvia. CARLACHIANI, Camila. *Núcleos Interdisciplinarios de Contenidos. La Educación como Acontecimiento*. SANTA FE, 2016. En: <https://plataformaeducativa.santafe.gov.ar/moodle/course/view.php?id=3503>. Recuperada el 20 de abril de 2020.

MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. México, D. F.: Editorial Gedisa, 2004.

MORIN, Edgar. *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

OROZCO, Bertha. *Investigación, problematización y producción de conocimiento específico*. Conferencia. 24 de octubre de 2014. Ministerio de Educación, Provincia de Santa Fe, 2014.

ORTEGA CARRILLO, José Antonio. *Curso de Formación "Tutores Humanizadores, afectivos e inclusivos"*. Ministerio de Educación de de Santa Fe. (UNR-UTN). Grupo TEIS (Tecnología Educativa), 240 hs reloj, Universidad de Granada, España/Argentina. Años: 2014 y 2015.

RIVAS, Axel. *Cambio e innovación educativa: las cuestiones cruciales*. En: XII Foro Latinoamericano de Educación. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Santillana, 2018.

RIVAS, Axel. *Viajes al futuro de la educación*. Publicación digital. CIPPEC. En: <https://viajesalfuturodelaeducacion.cippec.org>, Buenos Aires, CIPPEC, 2012. Recuperada, 10 de marzo de 2020.

SKLIAR, Carlos. *La educación [que es] del otro*. Cap: IV, Cap V y VII. Buenos Aires: Noveduc, 2007.

SOUSA SANTOS. *La crueldad Pedagogía del Virus*. En: Biblioteca Masa Crítica, Bs. As: CLACSO, 2020.



SPIEGEL, Alejandro. *Planificando clases interesantes. Itinerarios para combinar recursos didácticos*. En: Ediciones Novedades Educativas. Colección Biblioteca Didáctica: Buenos Aires: Novedades Educativas, 2006.

SPIEGEL, Alejandro. *¿Qué debiéramos saber los docentes acerca de las nuevas tecnologías para generar mejores oportunidades de aprendizaje?* II. En: <https://www.redmagisterial.com/blog/que-debieramos-saber-los-docentes-acerca-de-las-nuevas-tecnologias-para-generar-mejores-oportunidades-de-aprendizaje-ii/>, 12 de febrero de 2013. Recuperada el 30 de abril de 2020.

TERIGI, Flavia. *Flavia Terigi en Docentes Conectadxs*. Video En: <https://www.youtube.com/watch?v=QoC3SKV7N8o&feature=share&fbclid=IwAR1BmWe6xJmMpTTlupF5dRSBIdCf3ITqvmItgmAhwHfLHRoRyn42XabvWHc>, 07 de mayo de 2020. Recuperado, 08 de mayo de 2020.

TIRAMONTI, Guillermina. *Nuevos formatos escolares para promover la inclusión educativa*. Un estudio de caso: la experiencia argentina. Informe final; Buenos Aires: FLACSO, 2007.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. *La Justicia Curricular*. El Caballo de Troya de la Cultura Escolar. España: Ediciones Morata, 2011.

VILLAFUENTE, Paola. *Educación en tiempos de pandemia: COVID-19 y equidad en el aprendizaje*. En: Observatorio Campus Tecnológico de Monterrey, México: TEC, 19 de marzo de 2020. Nota: <https://observatorio.tec.mx/edu-news/educacion-en-tiempos-de-pandemia-covid19>. Recuperada, 10 de abril de 2020.

Submetido em junho de 2020.

Aprovado em agosto de 2020.

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Susana Copertari: Licenciada em Ciência Política pela Universidade Nacional de Rosário - Argentina (UNR-AR). Mestra e Especialista em Docência Universitária pela Universidade Tecnológica Nacional - Argentina (UNT-AR). Doutoranda em Educação pela Faculdade de Humanidades e Artes da Universidade Nacional de Rosário - Argentina (FHyA-UNR-AR). Docente Investigadora da mesma universidade, docente do Seminário de Pós-graduação Stricto Sensu - Mestrado em Educação Universitária dos componentes curriculares: Educação à Distância, Tecnologias e Virtualização e Problemas Contemporâneos da Educação Universitária. Ex-diretora de Inovações Educativas do Ministério da Educação na província de Santa Fé - Argentina (2017-2019). Autora e coautora de livros e revistas especializadas em Tecnologia e Educação. E-mail: susycopertari@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7733-205X>.